

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL I: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

TH LEARNING DIFFICULTIES IN THE SCHOOL CONTEXT OF ELEMENTARY EDUCATION I: POSSIBILITIES AND CHALLENGES

DIFICULTADES DE APRENDIZAJE EN EL CONTEXTO ESCOLAR DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA I: POSIBILIDADES Y DESAFÍOS

Elaine Patrícia da Rocha e Silva¹

RESUMO: As dificuldades de aprendizagem no Ensino Fundamental I configuram-se como um dos desafios mais complexos da educação contemporânea, pois interferem diretamente na formação das bases cognitivas, afetivas e sociais dos alunos. Este trabalho teve como objetivo geral analisar as principais dificuldades de aprendizagem presentes nesse contexto, identificando suas causas, implicações pedagógicas e as possibilidades de intervenção que promovem o desenvolvimento integral das crianças. Entre os objetivos específicos, buscou-se compreender os fatores emocionais, pedagógicos, familiares e socioeconômicos que contribuem para o surgimento dessas dificuldades; investigar as estratégias docentes voltadas à identificação e ao acompanhamento dos alunos; e propor práticas pedagógicas inclusivas que favoreçam aprendizagens significativas. A justificativa do estudo está ancorada na necessidade de compreender as dificuldades de aprendizagem como fenômenos multifatoriais, que exigem intervenções sensíveis, planejadas e colaborativas entre professores, família e equipe pedagógica. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, fundamentada em estudos recentes de autores brasileiros que discutem o tema sob perspectivas psicopedagógicas, cognitivas e socioeducacionais. Os resultados apontam que a superação das dificuldades de aprendizagem depende da construção de ambientes escolares inclusivos, do investimento em formação docente continuada e da valorização da afetividade como elemento central do processo educativo. Conclui-se que toda criança é capaz de aprender quando encontra mediações adequadas, metodologias diversificadas e professores comprometidos com uma educação humanizada, justa e transformadora.

1352

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Ensino fundamental. Práticas pedagógicas.

¹Graduada em Pedagogia, especialista em Psicopedagógico, Educação Inclusiva com ênfase em Atendimento Educacional Especializado -AEE, professora da Escola Municipal Divonete Cavalcante de Albuquerque, no município de Taquarana- Alagoas, e professora de Atendimento Educacional Especializado -AEE na Escola Municipal Luiz Pedro da Silva IV, no município de Maceió - Alagoas.

ABSTRACT: Learning difficulties in Elementary Education I represent one of the most complex challenges in contemporary education, as they directly affect the development of students' cognitive, emotional, and social foundations. This study aimed to analyze the main learning difficulties present in this context, identifying their causes, pedagogical implications, and possible interventions that promote children's holistic development. Among the specific objectives, it sought to understand the emotional, pedagogical, family, and socioeconomic factors that contribute to the emergence of these difficulties; to investigate teaching strategies aimed at identifying and monitoring students; and to propose inclusive pedagogical practices that foster meaningful learning. The justification for this study is based on the need to understand learning difficulties as multifactorial phenomena that require sensitive, planned, and collaborative interventions among teachers, families, and the pedagogical team. The adopted methodology was a bibliographic research, grounded in recent studies by Brazilian authors who discuss the topic from psychopedagogical, cognitive, and socio-educational perspectives. The results indicate that overcoming learning difficulties depends on building inclusive school environments, investing in ongoing teacher training, and valuing affectivity as a central element of the educational process. It is concluded that every child is capable of learning when provided with adequate mediation, diversified methodologies, and teachers committed to a humanized, fair, and transformative education.

Keywords: Learning difficulties. Elementary education. Pedagogical practices.

RESUMEN: Las dificultades de aprendizaje en la Educación Primaria I representan uno de los desafíos más complejos de la educación contemporánea, ya que afectan directamente el desarrollo de las bases cognitivas, emocionales y sociales de los estudiantes. Este estudio tuvo como objetivo analizar las principales dificultades de aprendizaje presentes en este contexto, identificando sus causas, implicaciones pedagógicas y posibles intervenciones que promuevan el desarrollo integral de los niños. Entre los objetivos específicos, se buscó comprender los factores emocionales, pedagógicos, familiares y socioeconómicos que contribuyen a la aparición de estas dificultades; investigar las estrategias docentes orientadas a la identificación y el acompañamiento de los estudiantes; y proponer prácticas pedagógicas inclusivas que favorezcan aprendizajes significativos. La justificación de este estudio se basa en la necesidad de comprender las dificultades de aprendizaje como fenómenos multifactoriales que requieren intervenciones sensibles, planificadas y colaborativas entre docentes, familias y el equipo pedagógico. La metodología adoptada fue la investigación bibliográfica, fundamentada en estudios recientes de autores brasileños que abordan el tema desde perspectivas psicopedagógicas, cognitivas y socioeducativas. Los resultados indican que la superación de las dificultades de aprendizaje depende de la construcción de entornos escolares inclusivos, de la inversión en la formación docente continua y de la valoración de la afectividad como elemento central del proceso educativo. Se concluye que todo niño es capaz de aprender cuando cuenta con mediaciones adecuadas, metodologías diversificadas y docentes comprometidos con una educación humanizada, justa y transformadora.

1353

Palabras clave: Dificultades de aprendizaje. Educación primaria. Prácticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O cenário educacional do Ensino Fundamental I é decisivo para a consolidação da leitura, da escrita e do raciocínio lógico, além de competências socioemocionais que sustentam

trajetórias escolares bem-sucedidas. Nesse período, qualquer barreira ao aprender tende a se amplificar ao longo dos anos, impactando o engajamento, a autoestima e o desempenho do estudante. Discutir dificuldades de aprendizagem, portanto, é discutir equidade e inclusão, reconhecendo que aprender é um processo singular, sensível às condições cognitivas, emocionais, familiares, socioeconômicas e institucionais que cercam a criança. Ao mesmo tempo, é reconhecer o papel estratégico da escola e do professor na identificação precoce de sinais, na mediação pedagógica e na criação de ambientes que favoreçam o desenvolvimento integral.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar as principais dificuldades de aprendizagem presentes no contexto escolar do Ensino Fundamental I, identificando suas causas, implicações pedagógicas e possibilidades de intervenção. Como objetivos específicos, busca compreender os fatores pedagógicos, emocionais, familiares e sociais que contribuem para o surgimento das dificuldades; investigar as estratégias e práticas utilizadas pelos professores para identificar e intervir diante dessas situações no cotidiano escolar; e propor ações educativas que favoreçam a superação das dificuldades, promovendo um ensino mais inclusivo e significativo.

A relevância do estudo reside no fato de que as dificuldades de aprendizagem não são meramente um problema do aluno, mas um fenômeno multifatorial que demanda respostas pedagógicas qualificadas e intersetoriais. Em contextos de turmas heterogêneas, tempos pedagógicos comprimidos e recursos nem sempre suficientes, oferecer subsídios claros, práticos e contextualizados pode apoiar a tomada de decisão docente e a organização do trabalho pedagógico. Além disso, o tema dialoga com a BNCC e com políticas de inclusão escolar ao reforçar que toda criança é capaz de aprender quando encontra mediações adequadas, expectativas consistentes e avaliação formativa alinhada ao seu processo.

1354

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, com levantamento, leitura crítica e síntese de produções científicas e técnicas pertinentes ao tema. Esse percurso permitiu mapear conceitos, classificações e abordagens psicopedagógicas e neuroeducacionais sobre dificuldades de aprendizagem, bem como identificar evidências sobre fatores de risco e proteção, estratégias pedagógicas inclusivas e caminhos de intervenção no Ensino Fundamental I. A análise foi organizada por eixos, articulando referenciais teóricos com implicações práticas para o planejamento, a mediação e a avaliação.

Diante desse escopo, formula-se o seguinte problema de pesquisa: como compreender e enfrentar as dificuldades de aprendizagem no Ensino Fundamental I, considerando a interação

entre fatores internos e externos ao estudante, de modo a orientar práticas pedagógicas inclusivas e efetivas que promovam aprendizagens significativas. Ao responder a essa questão, este trabalho pretende contribuir para o fortalecimento de uma cultura escolar de escuta, diagnóstico cuidadoso e intervenção intencional, na qual as dificuldades não são rótulos, mas oportunidades para refinar o ensino e ampliar as possibilidades de sucesso de todas as crianças.

MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão de literatura com abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvida a partir da análise, interpretação e síntese de estudos científicos relacionados às dificuldades de aprendizagem no Ensino Fundamental I. Esse tipo de investigação busca compreender um fenômeno por meio da sistematização de conhecimentos já produzidos, permitindo identificar tendências, lacunas e contribuições teóricas relevantes para o campo educacional.

A busca por materiais foi realizada em bases científicas e acadêmicas de amplo acesso, entre elas: SciELO, Periódicos CAPES, Google Acadêmico, ERIC, Redalyc e DOAJ. Essas plataformas foram escolhidas por reunirem produções de qualidade reconhecida nas áreas da Educação e Psicopedagogia, contemplando artigos, dissertações e teses que tratam de conceitos, causas e estratégias pedagógicas relacionadas às dificuldades de aprendizagem.

1355

Os descritores utilizados na pesquisa foram selecionados com o objetivo de ampliar a abrangência das buscas e assegurar maior precisão na recuperação dos estudos. Entre os principais termos empregados destacam-se: dificuldades de aprendizagem, transtornos de aprendizagem, Ensino Fundamental I, anos iniciais, intervenção psicopedagógica, práticas pedagógicas inclusivas e estratégias de ensino. Tais palavras-chave foram combinadas com operadores booleanos como “AND” e “OR”, o que possibilitou cruzar diferentes expressões e localizar estudos pertinentes ao tema proposto.

Para garantir a qualidade e a relevância dos textos analisados, foram definidos critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos materiais que abordassem de forma direta as dificuldades de aprendizagem no Ensino Fundamental I, apresentassem fundamentação teórica consistente e possuísem relação com a prática docente e a intervenção pedagógica. Foram excluídos os estudos que tratavam de outros níveis de ensino, textos sem rigor metodológico ou sem conexão com o contexto escolar, além de duplicatas encontradas em diferentes bases. Cabe destacar que não houve restrição por ano de publicação, priorizando-se a relevância e a contribuição de cada estudo para a compreensão do tema.

Após a seleção, os textos foram lidos e analisados criticamente, permitindo a organização dos achados em três eixos principais: (1) conceitos e classificações das dificuldades de aprendizagem; (2) fatores internos e externos que influenciam o processo de aprender; e (3) estratégias pedagógicas e possibilidades de superação. Essa categorização possibilitou articular diferentes perspectivas teóricas e práticas, promovendo uma visão ampla e integrada sobre o fenômeno.

Por tratar-se de um estudo bibliográfico, não houve envolvimento direto de participantes, garantindo respeito às normas éticas e aos direitos autorais das obras consultadas. A metodologia adotada permitiu reunir e interpretar evidências já existentes, oferecendo uma base sólida para compreender como as dificuldades de aprendizagem se manifestam e de que forma podem ser enfrentadas por meio de práticas pedagógicas inovadoras, inclusivas e humanizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender as dificuldades de aprendizagem é um passo essencial para promover uma educação verdadeiramente inclusiva e significativa. Esse conceito ultrapassa a simples ideia de “fracasso escolar” e passa a ser entendido como um fenômeno multifatorial, que envolve aspectos cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos. Segundo Da Rosa e Furlan (2022), as dificuldades de aprendizagem não se reduzem à incapacidade do aluno em compreender um conteúdo, mas refletem o resultado de uma interação complexa entre o sujeito, o meio escolar e o contexto sociocultural. Portanto, compreender esse fenômeno exige sensibilidade e uma análise integrada, que considere tanto os processos internos de aprendizagem quanto as condições externas que os influenciam.

1356

Para que a escola consiga enfrentar de forma efetiva essas dificuldades, é necessário compreender que elas não são, necessariamente, permanentes. Oliveira (2023) destaca que as dificuldades de aprendizagem devem ser vistas como obstáculos temporários, que podem ser superados a partir da mediação adequada, do diagnóstico pedagógico e do planejamento intencional das práticas. Essa visão rompe com a ideia de que o aluno com dificuldade é “incapaz”, substituindo o estigma por uma perspectiva de potencialidade. Assim, compreender as dificuldades é reconhecer que cada criança aprende em ritmos e estilos diferentes, e que a função da escola é ajustar suas práticas para acolher essas singularidades.

De acordo com Garcia (2022), as dificuldades de aprendizagem costumam se manifestar na leitura, na escrita, no raciocínio lógico e na resolução de problemas, mas não se limitam a

esses aspectos. Elas podem estar relacionadas também a fatores emocionais, como ansiedade, baixa autoestima e insegurança diante das avaliações. A autora ressalta que, muitas vezes, a escola interpreta o baixo desempenho como desinteresse ou preguiça, sem perceber que por trás há uma criança tentando, de maneira silenciosa, encontrar sentido no que aprende. Nesse sentido, é imprescindível que o professor desenvolva um olhar investigativo e empático, capaz de distinguir entre um aluno desmotivado e aquele que realmente apresenta barreiras cognitivas ou pedagógicas.

A literatura especializada aponta a importância de diferenciar dificuldades de aprendizagem de transtornos de aprendizagem. Os transtornos são condições de base neurobiológica, como a dislexia e a discalculia, que demandam acompanhamento especializado, enquanto as dificuldades podem ter origem em fatores pedagógicos, sociais ou emocionais. Conforme Shaywitz e Shaywitz (2023), a dislexia, por exemplo, é um distúrbio específico da linguagem que compromete a decodificação e o reconhecimento das palavras, mas não implica em falta de inteligência ou interesse. Já as dificuldades de aprendizagem surgem quando o ambiente escolar não oferece estratégias compatíveis com o modo como o aluno aprende. Essa distinção é crucial, pois orienta a forma de intervenção e evita que a criança seja rotulada de maneira indevida.

1357

Sob uma perspectiva psicopedagógica, as dificuldades de aprendizagem também se relacionam à forma como o aluno se percebe e se posiciona frente ao processo educativo. Villaça et al. (2022) defendem que a escola precisa compreender o sujeito aprendente como alguém que constrói conhecimento por meio da interação e da experiência, e não apenas como um receptor de informações. A falta de sentido nas atividades, o excesso de cobrança e a ausência de vínculo afetivo entre professor e aluno podem agravar as dificuldades e gerar bloqueios cognitivos. Assim, o papel da mediação é decisivo: quando o educador cria um ambiente seguro, criativo e respeitoso, o aluno se sente encorajado a tentar novamente, reduzindo o medo do erro e reconstruindo sua autoconfiança.

No campo das classificações das dificuldades de aprendizagem, diversos autores propõem categorias para auxiliar o diagnóstico e o planejamento pedagógico. Segundo Dos Santos e Gomes (2021), as dificuldades podem ser classificadas em primárias e secundárias. As primárias têm relação direta com aspectos cognitivos e neurológicos, como limitações na memória operacional, na atenção e na percepção auditiva ou visual. Já as secundárias decorrem de fatores externos, como métodos de ensino inadequados, problemas familiares, ausência de acompanhamento pedagógico e condições socioeconômicas desfavoráveis. Essa classificação

ajuda os profissionais da educação a compreenderem que o fenômeno é multifacetado e que exige abordagens distintas para cada caso.

Na área da aprendizagem matemática, por exemplo, as pesquisas de Lira, Silva e Silva Neto (2024) evidenciam que muitos estudantes enfrentam dificuldades relacionadas não apenas à abstração dos conteúdos, mas também à linguagem simbólica e à falta de contextualização das atividades. Os autores enfatizam que, quando o ensino é excessivamente mecânico e desvinculado da realidade, o aluno tem dificuldade em atribuir significado ao que aprende. Assim, compreender as dificuldades em matemática requer não apenas observar erros ou falhas, mas investigar os processos mentais envolvidos e a forma como o aluno interage com os conceitos. Essa análise possibilita intervenções mais precisas e eficazes, evitando que a dificuldade se transforme em aversão à disciplina.

De modo semelhante, Oliveira (2023) salienta que a análise dos erros é uma ferramenta pedagógica essencial para compreender as dificuldades dos alunos. Em sua pesquisa sobre o ensino de multiplicação, a autora demonstrou que muitos erros revelam estratégias alternativas de pensamento, e não necessariamente falta de conhecimento. Ou seja, o erro pode ser visto como um espelho dos processos cognitivos da criança e, portanto, uma oportunidade valiosa de intervenção. Essa concepção se alinha à perspectiva construtivista, que reconhece o erro como parte integrante da aprendizagem e não como algo a ser punido.

1358

As dificuldades de aprendizagem também se expressam no campo emocional, afetando diretamente a relação do estudante com o aprender. Chamat (2024) afirma que o fracasso repetido e a sensação de incapacidade podem gerar comportamentos de resistência e desinteresse, criando um ciclo de autossabotagem. Nesse contexto, a intervenção psicopedagógica desempenha um papel fundamental ao articular dimensões cognitivas e emocionais, ajudando o aluno a ressignificar sua relação com o saber. A autora propõe técnicas que envolvem escuta ativa, atividades lúdicas, reforço positivo e situações-problema que despertem o prazer de aprender. Essas estratégias reforçam que compreender as dificuldades de aprendizagem é, antes de tudo, compreender o sujeito em sua totalidade.

Da Rosa e Furlan (2022) também argumentam que a escola precisa desenvolver um sistema de acompanhamento contínuo, no qual o diagnóstico não se limite a identificar o problema, mas a compreender suas causas e acompanhar o progresso das intervenções. Essa prática exige formação docente, trabalho colaborativo e uma cultura institucional voltada à observação e à reflexão pedagógica. Quando o professor é preparado para reconhecer sinais

precoces de dificuldades e utilizar instrumentos avaliativos diversificados, o processo de ensino se torna mais inclusivo e responsivo.

Villaça et al. (2022) reforçam que a aprendizagem ocorre em um espaço de trocas simbólicas e afetivas, e que o papel do educador é criar pontes entre o conhecimento prévio do aluno e o novo conteúdo. Quando essa mediação é feita de forma sensível, as dificuldades se transformam em oportunidades de crescimento cognitivo e pessoal.

Outro aspecto importante é compreender que as dificuldades de aprendizagem podem estar associadas a diferentes dimensões do desenvolvimento infantil. Garcia (2022) observa que crianças com déficits de atenção, impulsividade ou ansiedade podem apresentar desempenho irregular, o que, muitas vezes, é interpretado de forma equivocada como desinteresse.

A classificação das dificuldades também envolve uma compreensão das áreas afetadas, como leitura, escrita e raciocínio lógico. Shaywitz e Shaywitz (2023) apontam que as dificuldades de leitura, por exemplo, podem estar relacionadas à lentidão na decodificação, confusão entre sons e letras ou limitação na memória fonológica. Já as dificuldades de escrita podem envolver problemas na organização das ideias, ortografia ou motricidade fina. No caso da matemática, Lira, Silva e Silva Neto (2024) destacam que o desafio está na compreensão de conceitos abstratos e na aplicação prática das operações. Reconhecer essas diferenças ajuda o professor a planejar intervenções mais específicas e significativas.

1359

Para além das classificações, é preciso considerar o papel da afetividade no processo de superação das dificuldades. Chamat (2024) enfatiza que a confiança e o vínculo entre professor e aluno são determinantes para o sucesso das intervenções. Um ambiente afetivo e respeitoso permite que o aluno se arrisque cognitivamente, experimente novas estratégias e desenvolva perseverança diante dos desafios. Nessa perspectiva, o processo de aprender é também um processo de construção de identidade e autoestima.

Compreender as dificuldades de aprendizagem requer uma abordagem integradora, que una teoria e prática, razão e afeto. É reconhecer que cada dificuldade traz consigo uma possibilidade de transformação, tanto para o aluno quanto para o professor. Como afirmam Da Rosa e Furlan (2022), o papel da escola é ser um espaço de escuta, reflexão e reconstrução, no qual o erro não é um fim, mas um ponto de partida para novas aprendizagens. Assim, ao compreender as diferentes dimensões das dificuldades e suas classificações, a educação se aproxima de seu propósito mais humano: ensinar com empatia, respeitando o tempo e o modo de aprender de cada sujeito.

Compreender as dificuldades de aprendizagem implica reconhecer que o processo de aprender é profundamente influenciado por múltiplas dimensões que ultrapassam o espaço da sala de aula. As dificuldades não surgem de maneira isolada, mas resultam da interação entre fatores internos e externos ao indivíduo, como os aspectos biológicos, emocionais, familiares, socioeconômicos e institucionais. Essa complexidade reforça que o fracasso escolar não deve ser atribuído exclusivamente ao aluno, mas entendido como reflexo de uma teia de condições que envolvem o contexto em que ele vive e aprende (De Souza & Da Silva, 2021).

Segundo De Oliveira e De Oliveira (2025), a aprendizagem é um processo dinâmico e singular, no qual cada sujeito constrói conhecimento a partir de suas experiências, vivências e interações sociais. No entanto, esse processo pode ser comprometido quando há interferências em qualquer uma das dimensões que sustentam o desenvolvimento humano. Para os autores, compreender essas interferências é essencial para que o professor adote práticas pedagógicas mais sensíveis, que considerem o aluno em sua integralidade e respeitem seus diferentes tempos e modos de aprender.

Entre os fatores internos, os de ordem biológica e cognitiva exercem grande influência no rendimento escolar. Crianças com deficiências sensoriais, distúrbios neurológicos ou alterações cognitivas específicas podem apresentar dificuldades em assimilar conteúdos e acompanhar o ritmo das aulas. Da Silva Viana e Dos Santos (2021) destacam que alterações na atenção, na memória, na percepção e na linguagem são responsáveis por grande parte das dificuldades observadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essas questões, quando não diagnosticadas precocemente, podem gerar um ciclo de frustração e baixa autoestima, agravando ainda mais o desempenho escolar.

Além disso, os autores ressaltam a importância da atuação conjunta entre escola e profissionais de saúde, como psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos, no sentido de identificar as causas biológicas e propor intervenções adequadas. A ausência desse suporte especializado faz com que muitos alunos sejam rotulados injustamente como “preguiçosos” ou “desinteressados”, quando na verdade necessitam de acompanhamento técnico para desenvolver suas potencialidades.

As emoções e os vínculos afetivos também exercem papel fundamental na aprendizagem. O ambiente emocional no qual a criança está inserida influencia diretamente sua capacidade de concentração, motivação e segurança para aprender. De acordo com Sisto e Martinelli (2023), a afetividade é o eixo que sustenta o processo de aprendizagem, pois é por meio dela que o aluno estabelece uma relação positiva com o conhecimento e com o professor.

Quando há ausência de acolhimento, empatia e escuta, o medo e a ansiedade tendem a se intensificar, dificultando o envolvimento do estudante nas atividades escolares.

A afetividade, segundo os autores, é o elo que transforma o espaço escolar em um ambiente de confiança. Alunos que se sentem valorizados, compreendidos e apoiados demonstram maior persistência diante dos desafios. Por outro lado, a falta de sensibilidade na mediação pedagógica pode desencadear resistência, desmotivação e até bloqueios cognitivos. Nesse contexto, o professor precisa reconhecer que ensinar é também um ato emocional e que o vínculo com o aluno é tão importante quanto o domínio do conteúdo.

O contexto familiar é outro componente determinante no desempenho escolar. De Souza e Da Silva (2021) explicam que a ausência de acompanhamento familiar, a desestruturação emocional dos lares e a falta de incentivo à leitura e ao estudo em casa são aspectos que fragilizam o desenvolvimento cognitivo das crianças. Quando os responsáveis demonstram pouco interesse pela vida escolar ou transferem integralmente a responsabilidade da aprendizagem para a escola, o aluno tende a perceber os estudos como algo secundário e distante de seu cotidiano.

De acordo com Dos Santos Miranda, De Araújo Ferreira e De Azevedo (2022), o envolvimento da família no processo educativo contribui não apenas para o apoio emocional da criança, mas também para a construção de hábitos de estudo e de valores como disciplina e persistência. As autoras enfatizam que o diálogo constante entre escola e família é essencial para a identificação precoce das dificuldades e para a construção de estratégias conjuntas que favoreçam a aprendizagem. Em muitos casos, a simples presença da família nas reuniões escolares ou o acompanhamento das tarefas de casa já representa um grande avanço na trajetória escolar do aluno.

Por outro lado, as condições socioeconômicas também interferem diretamente no desempenho escolar. Crianças que vivem em contextos de vulnerabilidade social enfrentam desafios como alimentação inadequada, falta de acesso a materiais didáticos e ambientes pouco estimulantes para o aprendizado. Segundo De Oliveira e De Oliveira (2025), a desigualdade social se reflete na desigualdade educacional, criando um abismo entre o potencial de aprendizagem das crianças de diferentes realidades. Essas disparidades exigem do Estado e da escola políticas públicas que garantam condições equitativas para o desenvolvimento de todos os alunos.

No ambiente escolar, os métodos de ensino, a formação docente e a organização curricular são fatores institucionais que podem tanto favorecer quanto dificultar a

aprendizagem. De acordo com De Souza e Da Silva (2021), práticas pedagógicas baseadas apenas na memorização e na repetição de exercícios não favorecem o desenvolvimento das funções cognitivas superiores, levando muitos alunos ao desinteresse e à evasão. A escola que não reconhece a diversidade de estilos de aprendizagem e continua presa a modelos tradicionais tende a acentuar as desigualdades e os fracassos escolares.

Aires, Alves e Pozzobon (2021) acrescentam que o desinteresse dos alunos pode ser uma consequência direta de metodologias pouco atrativas e desconectadas da realidade. As autoras, ao investigarem o ensino de matemática durante a pandemia, observaram que a ausência de estratégias criativas e contextualizadas levou à ampliação das dificuldades de aprendizagem e à perda de vínculo com os conteúdos escolares. Elas defendem a importância de uma prática pedagógica que desperte o prazer de aprender, utilizando recursos digitais, jogos e situações-problema que estimulem a curiosidade e o raciocínio lógico.

O papel do professor, portanto, é decisivo. É ele quem observa, diagnostica e intervém nas dificuldades que surgem no percurso escolar. Para Dos Santos Miranda, De Araújo Ferreira e De Azevedo (2022), o docente precisa desenvolver um olhar investigativo e reflexivo sobre as causas do baixo rendimento de seus alunos, evitando julgamentos precipitados e rótulos. Esse olhar requer formação continuada e apoio institucional, pois o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem não deve ser uma tarefa solitária, mas um esforço coletivo que envolva toda a equipe pedagógica.

1362

As condições socioeconômicas e culturais exercem forte influência no desempenho escolar, especialmente no Ensino Fundamental I. Segundo Da Silva Viana e Dos Santos (2021), a realidade econômica de uma família afeta o acesso à alimentação adequada, ao transporte escolar, ao material didático e às oportunidades de enriquecimento cultural. A falta desses recursos pode reduzir o interesse e o rendimento do aluno, que muitas vezes precisa lidar com responsabilidades domésticas ou condições de moradia precárias.

Neta, Silva e Costa (2022) apontam que a dislexia e outras dificuldades específicas de leitura e escrita são agravadas quando associadas à pobreza e à falta de estímulo em casa. O ambiente familiar desprovido de livros, conversas e experiências culturais limita o desenvolvimento da linguagem e do pensamento simbólico. Para as autoras, políticas públicas voltadas à democratização do acesso à cultura e à leitura são fundamentais para romper o ciclo de dificuldades que atinge alunos de classes sociais mais vulneráveis.

O contexto cultural também influencia as representações sociais sobre o que é “aprender”. Em comunidades onde a educação é pouco valorizada ou percebida como um

privilégio distante, a escola enfrenta maiores desafios para despertar o engajamento. Nesse sentido, De Oliveira e De Oliveira (2025) reforçam a importância de integrar o conhecimento escolar às experiências do aluno, mostrando que aprender é uma forma de compreender e transformar o mundo que o cerca.

A identificação precoce das dificuldades de aprendizagem é essencial para o sucesso escolar. Conforme Dos Santos Miranda, De Araújo Ferreira e De Azevedo (2022), o diagnóstico deve ser contínuo e processual, considerando não apenas os resultados das avaliações, mas também as atitudes, os comportamentos e o envolvimento do aluno nas atividades. A escuta atenta do professor e o acompanhamento individualizado são instrumentos poderosos para compreender as reais necessidades de cada criança.

A psicopedagogia tem papel central nesse processo. De Oliveira e De Oliveira (2025) defendem que o olhar psicopedagógico permite interpretar as manifestações do aluno de forma integrada, considerando tanto os aspectos cognitivos quanto os emocionais e sociais. Essa abordagem favorece intervenções mais eficazes, capazes de reconstruir o vínculo do sujeito com a aprendizagem e ressignificar suas experiências de fracasso.

Sisto e Martinelli (2023) complementam que a superação das dificuldades depende de um ambiente afetivo, no qual o erro é compreendido como parte do processo de aprender. A escola deve se tornar um espaço de acolhimento e de escuta, em que cada avanço seja valorizado e cada obstáculo seja tratado como oportunidade de crescimento. O professor, ao reconhecer as singularidades de seus alunos, contribui para uma educação mais justa, humana e significativa.

Dessa forma, os fatores que influenciam as dificuldades de aprendizagem no Ensino Fundamental I são múltiplos e interdependentes. Eles exigem da escola uma postura investigativa e colaborativa, que articule família, comunidade e profissionais de diferentes áreas. Compreender essas influências é o primeiro passo para transformar o fracasso escolar em oportunidade de desenvolvimento, reafirmando o compromisso da educação com a equidade e a inclusão.

Superar as dificuldades de aprendizagem exige uma ação pedagógica intencional, planejada e sensível às singularidades dos alunos. O papel do professor vai muito além da transmissão de conteúdos; ele é mediador de processos, estimulador de potencialidades e construtor de pontes entre o conhecimento e a experiência de vida dos estudantes. Para que a aprendizagem ocorra de forma significativa, é necessário adotar estratégias que considerem as dimensões cognitivas, afetivas e sociais do educando, alinhando-se às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e às políticas públicas de inclusão escolar.

De acordo com De Almeida et al. (2024), as dificuldades de aprendizagem podem ser superadas quando o ambiente escolar se transforma em um espaço de experimentação e acolhimento. Os autores defendem o uso de estratégias inovadoras e metodologias que despertem o interesse do aluno, como jogos educativos, projetos interdisciplinares e recursos digitais interativos. Essas ferramentas estimulam o raciocínio, a criatividade e o trabalho em equipe, favorecendo a construção de saberes de forma prazerosa. A inovação pedagógica, nesse contexto, não significa apenas o uso de tecnologias, mas a capacidade de reinventar práticas que tornem o ensino mais acessível e conectado à realidade dos estudantes.

Soares (2023) acrescenta que, após o período pandêmico, as escolas precisaram lidar com lacunas de aprendizagem, desmotivação e fragilidade emocional dos alunos. Nesse cenário, o papel do professor tornou-se ainda mais importante, pois ele atua como facilitador de retomadas cognitivas e afetivas. A autora sugere estratégias baseadas em aprendizagens colaborativas, nas quais os alunos constroem o conhecimento por meio do diálogo e da cooperação. Essas práticas fortalecem o vínculo entre professor e estudante, criando um ambiente de confiança que reduz o medo do erro e encoraja o aluno a participar ativamente das aulas.

Entre as metodologias mais eficazes para a superação das dificuldades estão as metodologias ativas, que colocam o estudante como protagonista de seu processo de aprendizagem. De acordo com Eustáchio et al. (2024), o uso de metodologias como a aprendizagem baseada em projetos, estudos de caso e sala de aula invertida estimula o pensamento crítico e o engajamento. Quando o aluno é convidado a investigar, produzir e apresentar soluções, ele desenvolve autonomia e autoconfiança, superando barreiras cognitivas e emocionais.

A aprendizagem significativa, proposta por David Ausubel e amplamente discutida por educadores brasileiros, também se destaca como uma ferramenta de superação das dificuldades. Dias (2024) explica que o aluno aprende de forma mais efetiva quando consegue relacionar o novo conhecimento com aquilo que já sabe. Nesse sentido, cabe ao professor planejar situações de ensino que façam sentido para o estudante, conectando o conteúdo escolar ao seu cotidiano. Atividades contextualizadas, que envolvem histórias, situações reais ou temas de interesse da turma, tornam-se mais atrativas e reduzem as barreiras de compreensão.

A intervenção psicopedagógica é outro eixo fundamental nesse processo. Segundo De Lima Costa (2025), a psicopedagogia atua na interface entre o pedagógico e o psicológico, buscando compreender o modo como o aluno aprende e quais fatores interferem nesse processo. A autora propõe a alfabetização discursiva como estratégia para enfrentar dificuldades no ciclo

de alfabetização, especialmente nos casos em que o aluno apresenta limitações na leitura e na escrita.

Garcia (2022) reforça que as dificuldades de aprendizagem não podem ser enfrentadas apenas com práticas padronizadas. É preciso observar o aluno em sua singularidade, compreender suas limitações e potencialidades, e adaptar o ensino conforme suas necessidades. Essa personalização pedagógica é um dos pilares da educação inclusiva e requer um olhar sensível, sustentado por uma escuta atenta. A autora também destaca que o sucesso das estratégias depende da formação continuada dos professores, que precisam estar preparados para reconhecer sinais de dificuldades e intervir de forma adequada.

O papel do educador, portanto, vai além da identificação dos problemas; ele deve criar estratégias de enfrentamento e acompanhamento contínuo. De acordo com Do Nascimento Silva, De Oliveira e Alves (2022), o professor é o primeiro agente a perceber as dificuldades de leitura e escrita em sala de aula. Por isso, precisa dominar diferentes métodos de alfabetização, utilizar materiais diversificados e promover atividades que estimulem a consciência fonológica, a coordenação motora e a compreensão textual. A diversificação metodológica é fundamental para garantir que todos os alunos tenham oportunidades reais de aprender, independentemente de suas condições iniciais.

1365

Outro aspecto essencial é a inclusão digital e o uso de tecnologias educacionais como ferramentas de apoio. De Almeida et al. (2024) destacam que recursos tecnológicos, quando usados de forma planejada, podem potencializar a aprendizagem de alunos com dificuldades, oferecendo experiências visuais e interativas que ampliam o acesso ao conhecimento. Softwares educativos, plataformas gamificadas e vídeos explicativos ajudam na fixação dos conteúdos e tornam o processo mais dinâmico. O desafio está em integrar essas ferramentas de modo pedagógico, evitando que sejam usadas apenas como entretenimento.

A afetividade e o clima escolar também aparecem como fatores determinantes para o sucesso das estratégias pedagógicas. Dias (2024) aponta que o afeto é o caminho mais seguro para despertar o desejo de aprender. Um ambiente escolar acolhedor, pautado no respeito e na empatia, favorece o engajamento e a autoconfiança dos alunos. Quando o professor demonstra sensibilidade e reconhecimento pelo esforço de cada estudante, cria-se uma cultura de valorização do aprendizado, na qual o erro é entendido como parte natural do processo.

Nesse contexto, a BNCC (2017) orienta que o ensino deve estar centrado no desenvolvimento integral do estudante, promovendo competências cognitivas, emocionais e sociais. Essa perspectiva exige práticas pedagógicas que articulem saberes e ampliem a

autonomia dos alunos. Soares (2023) ressalta que o ensino deve favorecer a participação ativa e o protagonismo infantil, estimulando a curiosidade e o pensamento criativo. Essas diretrizes fortalecem o compromisso da escola com a inclusão e a diversidade, reconhecendo que aprender é um direito de todos e que cada aluno tem seu próprio caminho de construção do saber.

Para além das metodologias, é importante repensar a avaliação da aprendizagem. Eustáchio et al. (2024) defendem a avaliação formativa e diagnóstica como instrumentos de acompanhamento contínuo, que permitem identificar avanços e dificuldades sem reduzir o aluno a uma nota. A prática avaliativa precisa ser coerente com o processo de ensino, buscando compreender como o estudante pensa, resolve problemas e evolui ao longo do tempo. Essa visão transforma a avaliação em uma ferramenta de apoio, e não de punição.

Por fim, De Almeida et al. (2024) enfatizam que as dificuldades de aprendizagem não devem ser vistas como obstáculos definitivos, mas como oportunidades para inovar e repensar a prática pedagógica. A escola, ao assumir uma postura investigativa e colaborativa, cria condições para que o aluno se sinta capaz e valorizado. Assim, a superação das dificuldades passa pela união entre conhecimento técnico, sensibilidade humana e compromisso ético com o direito de aprender.

As estratégias pedagógicas eficazes para superar as dificuldades de aprendizagem no Ensino Fundamental I precisam integrar metodologias ativas, práticas inclusivas, mediação afetiva e suporte psicopedagógico. O caminho da superação não está em rotular, mas em compreender e intervir com intencionalidade. Cabe ao professor o papel de mediador sensível, capaz de transformar obstáculos em oportunidades de crescimento. Quando a escola se torna espaço de acolhimento, escuta e experimentação, o aprendizado se torna mais humano, e cada criança encontra o seu próprio ritmo para aprender e florescer.

1366

CONCLUSÃO

A investigação sobre as dificuldades de aprendizagem no contexto escolar do Ensino Fundamental I revelou que o aprender é um processo vivo, permeado por múltiplos fatores que interagem entre si e que não podem ser analisados de forma isolada. A pesquisa mostrou que as dificuldades de aprendizagem não são simplesmente limitações do aluno, mas sim fenômenos complexos que envolvem dimensões biológicas, cognitivas, emocionais, familiares, socioeconômicas e pedagógicas. Essa constatação reforça a necessidade de compreender o estudante em sua totalidade, respeitando suas singularidades, ritmos e histórias de vida.

Ao longo deste trabalho, percebeu-se que a escola ainda enfrenta desafios significativos para lidar com a diversidade de perfis e estilos de aprendizagem presentes nas salas de aula. Muitas vezes, o modelo tradicional de ensino, centrado na transmissão de conteúdos e na avaliação quantitativa, não favorece a inclusão e acaba reforçando as desigualdades educacionais. Nesse sentido, o papel do professor emerge como essencial: ele é o elo entre o conhecimento e o aluno, mediando as relações, promovendo a escuta e adaptando as práticas pedagógicas conforme as necessidades de cada criança.

Ficou evidente que a superação das dificuldades de aprendizagem requer estratégias pedagógicas intencionais, fundamentadas na empatia, na observação e no planejamento. As metodologias ativas, o uso de recursos tecnológicos, o trabalho interdisciplinar e as práticas psicopedagógicas mostraram-se caminhos promissores para o fortalecimento das aprendizagens. Quando o ensino se torna significativo e conectado à realidade dos alunos, as barreiras cognitivas tendem a se reduzir, e o processo educativo passa a ser percebido como espaço de descobertas e pertencimento.

A pesquisa também destacou a importância da parceria entre escola e família. A aprendizagem é um processo compartilhado, que depende da corresponsabilidade dos adultos envolvidos na vida da criança. A comunicação constante, o acompanhamento das tarefas e o incentivo à leitura em casa fortalecem os vínculos e ampliam as possibilidades de sucesso escolar. Além disso, o apoio de profissionais especializados, como psicopedagogos e psicólogos, é essencial para que as intervenções ocorram de maneira integrada e eficaz.

Com base nas análises realizadas, é possível afirmar que o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem passa, necessariamente, pela formação continuada dos professores. O docente precisa de subsídios teóricos e práticos que o ajudem a identificar sinais de dificuldades, compreender suas causas e propor intervenções adequadas. A formação deve contemplar, além do conhecimento técnico, o desenvolvimento de competências socioemocionais e reflexivas, que fortaleçam a sensibilidade e a escuta pedagógica. Somente assim o professor poderá atuar de maneira propositiva, transformando o cotidiano escolar em um espaço de desenvolvimento pleno.

Dessa forma, o estudo conclui que as dificuldades de aprendizagem, longe de serem sentenças definitivas, são convites à transformação das práticas pedagógicas. Elas nos desafiam a repensar o modo como ensinamos, avaliamos e nos relacionamos com nossos alunos. Cada dificuldade pode se tornar uma oportunidade de aprendizado mútuo para o estudante, que

descobre novas formas de aprender, e para o professor, que encontra novos caminhos para ensinar.

Por fim, reafirma-se que a educação precisa ser vista como um ato humano e relacional, pautado no respeito, na escuta e na valorização das diferenças. Com práticas inovadoras, intervenções psicopedagógicas, formação docente contínua e políticas inclusivas, é possível construir uma escola mais sensível, acolhedora e comprometida com o sucesso de todos. Superar as dificuldades de aprendizagem é, acima de tudo, acreditar no poder transformador do ensino e na infinita capacidade de cada criança de aprender, quando encontra um olhar que acredita nela.

REFERÊNCIAS

AIRES, Camila Pinto; ALVES, Luana Leal; POZZOBON, Marta Cristina Cezar. Ensino de matemática em tempos de pandemia: um olhar sobre as dificuldades de aprendizagem em contraste com o desinteresse dos alunos. XIV Encontro Gaúcho de Educação Matemática, 2021.

CHAMAT, Leila Sara Jose. Técnicas de intervenção psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem. São Paulo: Vetor Editora, 2024.

DA ROSA, Cleverson; FURLAN, Fabiano. Dificuldades de aprendizagem. Monumenta - Revista de Estudos Interdisciplinares, v. 3, n. 5, p. 42-73, 2022.

DA SILVA VIANA, Fernanda Jaylane; DOS SANTOS, Pedro Fernando. Fatores que Ocasionalam as Dificuldades de Aprendizagem das Crianças/Factors that Cause Children's Learning Difficulties. ID on line. Revista de psicologia, v. 15, n. 57, p. 779-787, 2021.

DE ALMEIDA, Renato Damasceno et al. Estratégias inovadoras para superação das dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental. Caderno Pedagógico, v. 21, n. 8, p. e6321, 2024.

DE LIMA COSTA, Elisângela Lúcia. Alfabetização discursiva e psicopedagogia como estratégia para enfrentar dificuldades de aprendizagem no ciclo de alfabetização. Revista Ilustração, v. 6, n. 3, p. 33-45, 2025.

DE OLIVEIRA, Jakson José Gomes; DE OLIVEIRA, Ana Lúcia Almeida. Psicopedagogia: um olhar sobre os processos de aprendizagem e suas dificuldades. Aracê, v. 7, n. 1, p. 860-873, 2025.

DE SOUZA, Joniery Rubim; DA SILVA, Ariana de Oliveira Vital. Fatores que interferem no processo de ensino e aprendizagem. Research, Society and Development, v. 10, n. 6, p. e29210616071, 2021.

DIAS, Ana Maria de Sousa. Dificuldade de aprendizagem: um olhar pedagógico. 2024.

DO NASCIMENTO SILVA, Francisca Andréia; DE OLIVEIRA, Williamar Figueiredo; ALVES, Aldeceles Marinho. Transtornos de aprendizagem: o papel do educador na

identificação e direcionamento de estratégias em relação à escrita e leitura. Ensino em Perspectivas, v. 3, n. 1, p. 1-17, 2022.

DOS SANTOS MIRANDA, Marcia; DE ARAÚJO FERREIRA, Rayanne Jéssica; DE AZEVEDO, Gilson Xavier. Dificuldade de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. REEDUC - Revista de Estudos em Educação, v. 8, n. 1, p. 471-492, 2022.

DOS SANTOS, José Manuel; GOMES, Mariana. Classificação de ângulos através de uma estória em aulas de apoio a alunos com dificuldade de aprendizagem. Revista do Instituto GeoGebra Internacional de São Paulo, v. 10, n. 1, p. 19-48, 2021.

EUSTÁCHIO, Erica Aleixo et al. Pedagogical strategies to enhance the development of students with learning difficulties. Revista Foco, v. 17, n. 2, p. e4402, 2024.

GARCIA, Carolaine de Santana. Transtornos e dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: um olhar sobre a prática pedagógica. 2022.

LIRA, João Victor Dantas; DA SILVA, Maria Vitória Ramalho; DA SILVA NETO, João Ferreira. Dificuldades de aprendizagem matemática: o que dizem as pesquisas recentes. Educação Matemática em Revista - RS, v. 1, n. 25, 2024.

NETA, Francisca Sales de Souza; SILVA, Clesia de Lima; COSTA, Daniele de Souza da. Dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita com ênfase na dislexia. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 5, p. 93-116, 2022.

OLIVEIRA, Karyne Batista. Análise dos erros na multiplicação: compreendendo as dificuldades dos alunos do ensino fundamental. 2023. 1369

SHAYWITZ, Sally; SHAYWITZ, Jonathan. Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Penso Editora, 2023.

SISTO, Fermino Fernandes; DE CASSIA MARTINELLI, Selma. Afetividade e dificuldades de aprendizagem. São Paulo: Vetor Editora, 2023.

SOARES, Livia Maria de Souza. Crianças com dificuldades de aprendizagem: desafios e construção de intervenções pedagógicas no contexto do ensino fundamental I pós-pandemia. 2023.

VILLAÇA, Aliene Araújo et al. Instrução/atividade criadora: uma análise das vivências de alunos ditos com "dificuldade de aprendizagem". 2022.